

A PERFORMANCE DA TROVA GAÚCHA TRADICIONALISTA ENQUANTO ELEMENTO DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Gisela Reis Biancalana (UFSM)

GT:Estudos da Performance

Palavras-chave:Trova, cultura popular, folclore.

A Cultura Popular tem contribuído significativamente para avanços nas pesquisas em artes cênicas, entre outras áreas do conhecimento. O objetivo deste trabalho foi relacionar a Trova ao estudo dos conceitos de Cultura, Cultura Popular e Folclore, para impulsionar a compreensão dessa manifestação performática enquanto fenômeno artístico-cultural popular.

A Trova é uma poesia em sextilhas, cantada de improviso e realizada em desafio por dois cantadores acompanhados por músicos. Segundo Barboza (1996: 106), ela apresenta, geralmente, uma seqüência que parte da **saudação**; passa pelo **assunto** e pelo **puaço**, espécie de agressão verbal; e termina com a **despedida**. A prática exige habilidade técnica, destreza de pensamento, resistência e disponibilidade para o jogo. O assunto toma consistência até esgotar um dos desafiantes, que propõe o verso de despedida, sendo seguido pelo cantador vitorioso.

Para alguns pesquisadores, suas origens apontam para uma reminiscência galaico-portuguesa, denominada *leixa-pren*, que significa larga-retoma devido à deixa da trova que subordina uma estrofe a outra (MARQUES, 1998: 57). Outros acreditam que sua origem foi a prática do repente nos antigos galpões das estâncias, na convivência dos peões distantes dos focos urbanos. Essa convivência de prosa favoreceu o clima para os temas da saudade, das valentias do gaúcho sobre cavalos, dos “causos”, da viola e da gaita. Com as carreteadas e tropeadas, a prática da trova passa a acontecer entre peões de diferentes estâncias, correndo no anonimato.

A investigação parte do conceito de Cultura e remete-se à complexidade da história do termo que surge historicamente “(...) de um diálogo da sociedade consigo mesma (...) para responder a diversas questões sobre a natureza da vida social” (SCHELLING, 1990: 21). Antes do século XVIII, Cultura era sinônimo de Civilização. Com o fim da sociedade feudal, com o industrialismo e com a emergência de uma democracia política na Europa, o termo passa a ser controverso. Enquanto sinônimos, refletiam um ideal humanista e positivista, apoiando o desenvolvimento secular da razão em detrimento de valores espirituais, religiosos e emocionais. Com a dissociação dos termos, Cultura passa a designar o processo de crescimento interior e

espiritual, separando-se da sociedade civilizada dominante e tendendo a colocar-se como superior por voltar-se aos valores verdadeiros do homem. Essa idéia de Cultura elevada acima do cotidiano utilitário era "essencialmente diferente do mundo factual da luta cotidiana pela existência" (SCHELLING apud Marcuse, 1990: 24). Civilização, por sua vez, tendia ao desenvolvimento material e exterior do homem.

O pensamento socialista contribuiu para a ampliação do conceito de Cultura, que se desdobrou em concepções conhecidas como cultura erudita, cultura popular, entre outras. O desdobramento do conceito de Cultura em erudita e popular fez com que esta última fosse marginalizada e reconhecida, muitas vezes, por suas características pitorescas. O respeito às manifestações da Cultura Popular em seus grupos sociais deve-se a estudos que procuram entendê-las enquanto Cultura. Há, ainda, a crítica ao conceito de Cultura como amontoado de conhecimentos acumulados, que geram intelectualidades fracas e arrogantes.

Surge, então, o entendimento da relatividade dos modelos culturais quando a crença em valores universais e lineares foi abalada. É a visão antropológica de Cultura que, ao assumir as diferenças, considera-a como uma elaboração humana que resulta da incapacidade de entender o homem apenas a partir de seus aspectos biológicos. Segundo Schelling (1990), o desenvolvimento do conceito antropológico de cultura, bem como seu significado, desenvolveu-se dentro das ciências humanas e solidificou-se com Geertz, antropólogo contemporâneo, para quem a cultura "constitui estruturas de significados socialmente estabelecidas (...) não é algo a que se possam atribuir causalmente acontecimentos, comportamentos, instituições ou processos sociais, é um contexto, algo dentro do qual eles possam ser descritos de maneira inteligível" (SCHELLING apud Geertz, 1990: 29).

O conceito de Cultura adotado remete-se à abordagem antropológica contemporânea, que considera os aspectos das relações sociais – como relações de produção, exploração, dominação, entre outras – que determinados grupos, sejam eles delimitados por etnia, religião ou nação, mantêm entre si e com outros grupos, porém, considerando as distinções entre os comportamentos individuais dos membros do grupo, bem como suas produções originais.

Um dos desdobramentos do conceito de Cultura propiciou o desenvolvimento do conceito de Cultura Popular. Ao discorrer sobre o adjetivo **popular**, depara-se com uma palavra de origem latina que se remete às coisas do povo, seus hábitos, e também às coisas que agradam e tem a simpatia do povo. Há, ainda, os que usam o termo pejorativamente para designar coisas vulgares.

De acordo com Zumthor (1997: 23), a palavra indica qualidade, é um ponto de vista e não um conceito. Assim, Cultura Popular pode significar o modo de transmissão de algum

conhecimento do povo, a permanência de características tradicionais que venham refletir uma etnia, aos depositários de certas tradições, às formas de sentir, de pensar ou de agir. Entre os critérios adotados para caracterizar algo como pertencente à Cultura Popular está o anonimato dinâmico, quando algo pode tornar-se popular ao perder a lembrança de sua origem. Enfim, é difícil delimitar a Cultura Popular, pois ela transita em um universo de possibilidades.

Bakhtin (1987: 2) aproxima o adjetivo **popular** das coisas de caráter não oficial, não categorizadas, onde não se percebe dogmatismo, autoridade ou formalidades com limitações definitivas e estáveis. Para o autor, o popular tem um caráter público consagrado pela tradição que oferece uma visão de mundo diferente da oficial por princípio e que parece construir “ao lado do mundo oficial um segundo mundo e uma segunda vida” e cria “uma espécie de dualidade de mundo” (BAKHTIN, 1987: 4-5).

A opção por desenvolver o conceito de Folclore neste trabalho deve-se à polêmica que envolve o termo e, ainda, porque os gaúchos tradicionalistas consideram muitas de suas produções culturais como folclore tradicional nativo.

Entre os séculos XVIII e XIX, o termo era usado para designar um conjunto de saberes e costumes populares que englobavam a idéia de simplicidade, autenticidade, espontaneidade, tradição e anonimato.

Segundo Zumthor (1997: 22), a partir do século XX a palavra desdobrou-se em conceitos vagos. Etnólogos chegaram a negar-lhe valor científico e pesquisadores consideraram-no “as diversas práticas de recuperação dos regionalismos e de animação turística”. O termo também é utilizado para designar tradições populares que, relegadas à marginalidade e ao esquecimento, foram artificialmente resgatadas e cristalizadas pelo seu caráter pitoresco.

Para Barboza (1996: 11), o Folclore é uma ciência que estuda manifestações espontâneas da Cultura Popular e **fato folclórico** seria, para ela, a “parcela do conhecimento humano que se transmite no tempo e no espaço de geração a geração (...) sem ensino formal”, considerando-o como elemento dinâmico da Cultura Popular em constante transformação. Segundo a autora, o fato folclórico tem algumas características intrínsecas que são a aceitação coletiva, a funcionalidade, a espontaneidade, a intemporalidade e a tradicionalidade, e tem, ainda, duas características que não são consideradas necessariamente essenciais, como a oralidade e o anonimato. Ela coloca a seguinte classificação temporal para o fato folclórico: nascente, quando a aceitação popular é inferior a vinte e cinco anos, a exemplo do pular elástico; vigente, quando resiste no tempo e é dinâmico, a exemplo da trova; e histórico, quando é estático, perdeu sua função, mas é cultuado apenas para lembrar o passado, a exemplo das danças tradicionalistas.

Semelhante aos conceitos de folclore acima colocados por Barboza, Zumthor (1997) coloca que há uma tendência contemporânea que confere uma acepção mais larga ao termo, trazendo a idéia de folclore-em-situação. Essa perspectiva liberta o termo de sua ligação com a idéia de produção cristalizada que atravessou um processo de folclorização – ou seja, “movimento histórico através do qual uma estrutura social ou uma forma de discurso perde progressivamente sua função” (ZUMTHOR, 1997: 23) – que, por sua vez, cairia na classificação de folclore histórico de Barboza (1996).

A idéia de fato folclórico vigente, defendida por Barboza, e a de folclore-em-situação, de Zumthor, aproximam-se e estariam contidas na concepção antropológica de Cultura adotada e, por ser produzida pelo povo, pertencem à Cultura Popular. A Trova Gaúcha é, então, uma manifestação performática da Cultura Popular Brasileira, por ser um fato folclórico vigente ou um folclore-em-situação, que possui uma característica tradicional e pertence ao rol de atividades praticadas pelos integrantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Nesse contexto, a Trova não necessita enquadrar-se rigidamente em alguns dos conceitos abordados. Eles podem integrar-se harmonicamente, sem necessariamente um anular o outro.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Brasília: Hucitec, Ed. Universidade de Brasília, 1987.

BARBOZA, Maria Cândida. *Aspectos de Folclore, Tradição, Cultura*. Passo Fundo: Ed. Pe Berthier, , 1996.

MARQUES, L. A. B. *Rio Grande do Sul, Aspectos do Folclore*. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1998.

SCHELLING, Vivian. *A presença do Povo na Cultura Brasileira*. Tradução Federico Carotti. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução a Poesia Oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.